

O MODELO BRASILEIRO E A LITERATURA MODERNA CABO-VERDIANA. ESTUDO COMPARADO

*Manuel Brito SEMEDO **

RESUMO: O texto traz breves informações sobre a moderna literatura brasileira; faz uma síntese do contexto sócio-cultural da década de 30, quando surge a grande “viragem” nas letras cabo-verdianas, através de depoimentos poéticos e literários dos fundadores da **Claridade** sobre o papel desempenhado pelo modernismo e pelo realismo nordestino brasileiro.

Palavras-chave: Literatura comparada; Movimento literário; Cabo Verde-Brasil

1. INTRODUÇÃO

1.1. OBJECTIVO DO ESTUDO: É objectivo deste estudo explicitar a influência do modelo brasileiro nos fundadores da moderna literatura cabo-verdiana.

1.2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é a de uma leitura das obras dos escritores cabo-verdianos, fundadores da Revista e do Movimento da Claridade. à luz do modelo brasileiro, consciente – ou inconscientemente, adoptado.

O estudo estrutura-se da seguinte forma: breves informações sobre a moderna literatura brasileira; uma síntese do contexto sócio-cultural da década de 30 quando surge a grande viragem nas letras cabo-verdianas; depoimentos poéticos e literários dos fundadores da **Claridade** sobre o papel desempenhado pelo modernismo e pelo realismo nordestino brasileiro; o “alumbramento” de

(*) Cabo Verde.

Baltasar Lopes como ficcionista, poeta e filólogo; a “viagem” apetejada de Jorge Barbosa; a “ressonância” brasileira em Manuel Lopes.

2. O MODELO DA LITERATURA MODERNA BRASILEIRA

O movimento literário cabo-verdiano da revista **Claridade** não brotou como a água da rocha de Moisés. Antes dos anos 30 desenvolveu-se em Cabo Verde um ambiente propício a anseios literários.

Nos meados do séc. XIX foi iniciada a generalização da instrução e criada a imprensa, a qual veio a conhecer o seu período áureo nos primeiros anos da República Portuguesa. É desse período que remontam nomes de poetas e prosadores que angariaram audiência e prestígio, tais como Guilherme Dantas, Guilherme Ernesto, Januário Leite, José Lopes, Eugénio Tavares e Pedro Cardoso. Posteriormente, nos fins da década de 20, apareceram em Cabo Verde alguns números da revista modernista portuguesa **Presença** que foi a primeira força catalisadora do novo surto literário. Contudo, é o conhecimento do modernismo brasileiro e do romance nordestino, nos anos 30, que dinamiza o surgimento duma genuína literatura cabo-verdiana. É assim que é comum falar-se, e sob os mais diversos aspectos, do quanto a geração da **Claridade** deve a esse período da literatura brasileira (FRANÇA, 1962: 11-14). Assim sendo, é indispensável um olhar, ainda que rápido, sobre a literatura moderna brasileira.

2.1. O MOVIMENTO MODERNISTA

O que a crítica chama de Modernismo está condicionado por um ‘acontecimento’, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs como um divisor de águas: a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

As opções ideológicas e estéticas dos intelectuais brasileiros dos anos 20 só podem ser entendidas pela análise das situações sócio-culturais que marcaram a vida brasileira desde os inícios do século pelo conhecimento das correntes de vanguarda europeias que, já antes da I Guerra, tinham radicalizado e transfigurado a herança do Realismo e do Decadentismo. Porém, estes movimentos não serão aqui analisados, por fugirem do âmbito restrito deste trabalho.

Os homens de 22 – Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Prado – e os que de perto os seguiram, no tempo ou no espírito – Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre – cultivaram um ‘código novo’, rompendo com os códigos literários parnasiano e simbolista e usaram factores novos na ‘mensagem’: motivos, temas, mitos modernos.

Em síntese, a Semana de Arte Moderna foi o 'ponto de encontro' das várias tendências modernas que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio de Janeiro e a 'plataforma' que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos.

2.2. O REALISMO NORDESTINO

Segundo Alfredo Bosi, estudioso da literatura brasileira, o Modernismo e, num plano histórico, mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o aclarado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas sociais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação directa dos factos, enfim por um retomar do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia.

Os decénios de 30 e 40 são considerados como "a era do romance brasileiro". É essa ficção essencialmente regionalista que deu os nomes já clássicos como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo (BOSI, 1992: 438).

3. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL CABO-VERDIANO

O grito da "independência literária" de Cabo Verde lançado em Março de 1936 com a publicação da Revista de Arte e Letras **Claridade**, foi o acontecimento mais importante de todos os tempos na vida cultural deste país.

O Movimento Modernista crioulo, encabeçado pelos então jovens escritores Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, viria a processar-se em dois momentos distintos: (1) o de libertação formal, impulsionado pela revista modernista portuguesa **Presença** e pelo modernismo brasileiro; e (2) o de sintonização com as realidades locais, comandada pelo exemplo da geração de 1930, do Realismo Nordestino Brasileiro. Amílcar Cabral, fundador e líder do **movimento de libertação** Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), quando estudante em S. Vicente, publicou um artigo sob o título **Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana** onde afirma: "(...) *Bruscamente, porém, opera-se a transformação. A Poesia cabo-verdiana abre os olhos, descobre-se a si própria, e é o romper de uma nova aurora. É a claridade que surge, dando forma às coisas reais, apontando o mar, as rochas escavadas, o povo a debater-se nas crises, a luta da cabo-verdiano anónimo, enfim a terra e o povo de Cabo Verde. Por isso, o carácter intencional – e felizmente intencional – do nome da revista que revela essa profunda modificação na Poesia Cabo-Verdiana: Claridade*" (CABRAL, 1952: 5).

3.1. PERÍODO ANTERIOR A *CLARIDADE*

Anteriormente a **Claridade**, o discurso literário cabo-verdiano era quase exclusivamente subsidiário do discurso literário português. Os produtores de texto estavam desligados das realidades sociais das ilhas, nada preocupados em tornar em matéria textual a sua peculiar vivência insular; em geral considerando Cabo Verde como parte integrante de Portugal; e, por outro lado, sentindo que a sua pátria (ou a mãe-pátria) residia nas ilhas “hesperitanas” ou “arsinárias”, admitiam embora como pátria o Portugal europeu, o que significa a condição de ser bipátrido, literária e linguisticamente vinculados aos padrões lisboetas (FERREIRA, 1989: 151).

3.2. PERÍODO POSTERIOR A *CLARIDADE*

O Movimento da Claridade irrompe com o propósito de fincar os pés na terra. “*Em contacto com a terra os pés se transformaram em raízes e as raízes; se embeberiam no humus autêntico das nossas ilhas*” (Manuel Lopes, 1959: 20). Ou por outra, ir-se-ia tratar os problemas do homem cabo-verdiano (as estiagens, a decadência do Porto Grande, o encerramento da emigração para os Estados Unidos da América, a abertura do contrato para as roças de S. Tomé) evocando o homem brasileiro e os problemas sociais do Brasil.

No campo puramente linguístico, assinala-se ainda que os factos que levaram a dialectação do Português no Brasil: pelo contacto com dois grupos de línguas diferentes – as línguas ameríndias e as africanas levadas pelos escravos – são similares em Cabo Verde, com o contacto entre o português europeu e a língua crioula. Mais um aspecto a que os “claridosos” recorreram.

4. “**VOÇÊ, BRASIL, É PARECIDO COM A MINHA TERRA**”

4.1. DEPOIMENTO LITERÁRIO DE BALTASAR LOPES

Baltasar Lopes, em 1956, na ilha de S. Vicente, em resposta a certas considerações que Gilberto Freyre teceu sobre Cabo Verde, na sua obra *A aventura e a rotina*, testemunhou a respeito dessa força catalisadora que veio do Brasil:

Ora aconteceu por aquelas alturas – *Baltasar Lopes refere-se aos primeiros anos da década de 30* – nos caíram nas mãos fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais ‘pro domo nostra’. Na ficção, o José Lins do Rego do **Menino de engenho** e do **Banguê**, o Jorge Amado do **Jubiabá** e do **Mar morto**; o Armando Fontes d’**Os corumbas**, o Marques Rebelo do ‘Caso da mentira’, que conhecemos por

Ribeiro Couto; em poesia foi um 'alumbramento' a 'Evocação do Recife' de Manuel Bandeira (...); em poesia, outro deslumbramento foi Jorge de Lima (...). Esta ficção e esta poesia revelavam-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que os assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado. E pensávamos: esta identidade ou quase identidade de subjacências não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas, aliteratados; ela deve corresponder a semelhanças profundas da estrutura social, evidentemente com as correções que outros factores, uns iniciais, outros supervenientes, exigem (*Baltasar LOPES, 1956: 56*).

Eis como o discurso literário do modernismo brasileiro integra o discurso cultural cabo-verdiano dos anos 30.

4.2. DEPOIMENTO LITERÁRIO DE MANUEL LOPES

Manuel Lopes, nas suas **Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana**, comunicação apresentada em Lisboa, em 1959, durante os *Colóquios Cabo-verdianos*, recordou:

O modernismo brasileiro com Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, que exerceram forte influência em Cabo Verde, com Jorge do Lima, Mário de Andrade e outros, deixaram o terreno adubado, onde a resposta do Norte, quero dizer, os romancistas do Nordeste, lançariam as raízes abundantes da prodigiosa brasilidade moderna – com os romances do povo e da terra, precisamente aquele povo e aquela região tão lembrada quando se pretende evocar certas afinidades entre cabo-verdianos e brasileiros.

O empenhamento dessa ficção regionalista do Nordeste serve de modelo para a prosa narrativa nascente.

Foi assim que entrou a literatura brasileira, começando a espalhar a sua influência sobre os escritores da década de 30. Foi o começo dum "namoro", que se poderia conduzir a um casamento harmonioso, pela maturidade dos intelectuais cabo-verdianos.

4.3. DEPOIMENTO POÉTICO DE JORGE BARBOSA

Jorge Barbosa, confrontando as semelhanças (ressalvando as devidas proporções) históricas, geográficas, sociais e culturais existentes entre Cabo Verde,

que conhece bem, e o Brasil, que não conhece mas de que já leu e ouviu falar, escreveu o poema **Você, Brasil**, de que se transcrevem extractos:

*Eu gosto de, Você, Brasil,
porque Você é parecido com a minha terra.*
.....
*É o seu povo que se parece com o meu
é o seu falar português
que se parece com o nosso,
ambos cheios de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua, de alongamentos timbrados nos
lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.*
.....
*Você, Brasil, é parecido com a minha terra.
As secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há uma diferença no entanto:
é que os seus **retirantes**
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...*
(In: Caderno de um ilhéu, 1956)

O Poeta evoca um universo distante em que tudo é análogo, mas não igual, à sua terra. E nessa diferença subtil que estará a atracção e enamoramento.

5. O “ALUMBRAMENTO” DE BALTASAR LOPES

Baltasar Lopes (sob o pseudónimo poético, Osvaldo Alcântara) é, de certo modo, o mais importante elemento do grupo fundador da **Claridade** devido à dimensão estético-ideológica que dá à ambivalência do intelectual desejo de estabelecer uma ligação entre a expressão popular e a expressão culta. Isso, sem contar com a meritoria obra de investigação filológica sobre **O Dialecto Crioulo de Cabo Verde**, publicada em 1957.

5.1. FICÇÃO DE INFÂNCIA

Logo no número 1 da **Claridade** (1936), Baltasar Lopes publica um capítulo do seu romance **Chiquinho** (1947), que é uma obra retintamente cabo-verdiana do ponto de vista semântico e lingüístico, com um hibridismo do crioulo e do português muito do estilo do escritor brasileiro Guimarães Rosa. A nível temático, não é possível ler **Chiquinho** sem que o pensamento percorra outros caminhos romanescos brasileiros, como Jorge Amado e outros, particularmente de José Lins do Rego, do Menino de Engenho, pela sua narrativa memorialista, evocando a infância, a adolescência e a juventude.

5.2. POESIA PASARGADISTA

Oswaldo Alcântara, em 1946, na revista **Atlântico**, publica o célebre poema **Itinerário de Pasargada...**, uma clara alegoria ao **Vou-me embora para Pasargada**, de Manuel Bandeira, onde este constrói o espaço imaginário de tranquilidade e do gozo lúdico, onde tudo seria a imitação do seu desejo:

Saudade fina de pasargada...

*Em Pasargada eu saberia
onde é que Deus tinha depositado
o meu destino...*

*E na hora em que tudo morre...
Cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;
a vizinha acalenta o sono do filho rezingão;
Toi mulato foge a bordo de um vapor;
o comerciante tirou a menina de casa;
os mocinhos da minha rua cantam:
indo eu, indo eu,
a caminho de Viseu...
Na hora em que tudo morre,
esta saudade fina de Pasargada
é um veneno gostoso dentro do meu coração.
(In: **Atlântico**, 1946).*

As expressões que transportavam o sujeito poético para as terras distantes, atraído por outras civilizações, vinham do reconhecimento da estreiteza insular, da saturação vivencial.

Para além deste poema de escapismo emocional, Osvaldo Alcântara escreveu mais quatro, todos sob a mesma epígrafe: **Passaporte para Pasargada, Balada dos companheiros para Pasargada, Dos humildes é o reino de Pasargada e Evangelho segundo o rei de Pasargada** (Cântico da manhã futura, 1986: 115-124).

6. A “VIAGEM” DE JORGE BARBOSA

Figura precursora das mais prestigiadas da moderna poesia cabo-verdiana, Jorge Barbosa (1902-1971) é, historicamente, o anunciador da grande “viragem para os problemas da terra”, com a publicação em 1935 do livro de poemas **Arquipélago**, ideário assumido pelo movimento literário aparecido em 1936.

Enquanto o primeiro número da **Claridade**, já pronto há muito no original, era preparado para impressão na Tipografia do Mindelo – donde só viria a sair em março de 1936 – as Edições Claridade lançaram a público o livro de estreia de Jorge Barbosa. É assim que se explica que **Arquipélago** tenha funcionado como prelúdio do aparecimento daquela revista literária e Jorge Barbosa o precursor do movimento.

Jorge Barbosa, para além de sempre ter vivido em Cabo Verde, residiu durante vários anos na ilha do Sal, como quadro dos serviços aduaneiros. Esta circunstância fê-lo comparar-se aos Encarcerados, o que se reflecte na sua poesia, com o desespero de “querer partir e ter de ficar”. É assim que Barbosa “foge” para o Brasil nas suas fantasias poetizadas.

6.1. “CARTA PARA MANUEL BANDEIRA”

Apelos e sugestões do Brasil chegam a Jorge Barbosa através dos textos dos seus poetas. Um deles é o poema **Estrela da Manhã**, de Manuel Bandeira, que motiva uma imediata resposta para esse seu “irmão atlântico”, de que se transcreve extractos:

*Nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.
Nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.*

*Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar.
tu me preocupas, Manuel Bandeira,
meu irmão atlântico.
Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.*

.....
*Bateria de manso
a porta do apartamento do poeta solitário
ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro.*
.....
*E virias abrir-me a porta.
Então
sem qualquer palavra
passar-te-ia a Estrela da Manhã.
Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
no outro lado do Atlântico.
(In Caderno de um Ilhéu, 1956)*

Se da parte de Manuel Bandeira há um tom apelativo, da parte de Jorge Barbosa há uma imediata e fraterna resposta.

6.2. "CARTA PARA O BRASIL"

(AO CUIDADO DE GILBERTO FREYRE)

Noutro poema, dedicado a Gilberto Freyre, Barbosa, levado pela sua fantasia, descreve a realização da viagem ansiosamente sonhada tantas vezes dentro de si:

*Estou a ver-me entrando no Guanabara
para essa visita finalmente

que eu tenho há muito tempo
guardada no meu desejo!*

*Não sei quando será.
Algum dia, meu Amigo,
algum dia !
.....
Estou a ver-me entrando no Guanabara
a sentir-me já
dizendo baixinho:
– abençoi-me , Senhor!

(In *Caderno de um ilhéu*, 1956)*

Essa entrada triunfal, de profundo significado para o sujeito poético, seria coroada por uma recepção divinizada:

*É que ali no alto do Corcovado
o Cristo Redentor está de braços abertos
para a minha recepção na terra amável!*

6.3. "VOCE, BRASIL" – PARA O POETA RIBEIRO COUTO

O convívio textual de Jorge Barbosa com os poetas brasileiros inclui outros mais, para além de Manuel Bandeira. Ele dedica o poema "Você, Brasil", ao poeta Ribeiro Couto; Poema ao longo do qual faz analogia entre o "mundão" que é o Brasil e a sua terra que são "dez ilhas perdidas no Atlântico / sem nenhuma importância no mapa".

Para além dos poemas enumerados e da temática das "coisas simples da minha terra", uma análise profunda da obra de Jorge Barbosa dá conta de uma linguagem da visualização, coloquial, viva e palpitante, do tipo da criada pelos poetas modernistas brasileiros.

7. A "RESSONÂNCIA" BRASILEIRA EM MANUEL LOPES

Manuel Lopes, nascido em 1907, é o terceiro e o único fundador vivo da **Claridade** e do movimento literário com o mesmo nome. Cabe-lhe a distinção de ter publicado a primeira obra da moderna ficção cabo-verdiana, **Paúl**, uma breve crónica descritiva saída em 1932.

Com respeito à aceitação do exemplo brasileiro entre os cabo-verdianos, Manuel Lopes prefere falar em "ressonância" em vez de influência, talvez pela

conotação de menosprezo contido nesta última. Aparentemente, Manuel Lopes parece ser o fundador da **Claridade** menos influenciado mas, de facto possui fortes “ressonâncias”, que podem ser facilmente identificáveis.

7.1. FICÇÃO TELÚRICA

Os dois romances de Manuel Lopes, **Chuva Braba** (1956) e **Flagelados do Vento Leste** (1959) são hinos telúricos entoando uma mensagem de resignação cuja tensão dramática advém do dilema partir/ficar. Mané Quim, o protagonista adolescente de **Chuva Braba**, acorda ao som da chuva e resolve não partir para o Brasil com o padrinho. Por outro lado, José da Cruz, o lavrador e rendeiro em **Flagelados do Vento Leste**, depois de ter resistido estoicamente na terra ressequida, deixa tudo e toma o rumo da vila. O velho proprietário Nhô Lourencinho intercepta José da Cruz na estrada e repreende-o por ter perdido a sua dignidade ao abandonar a terra sagrada.

Os dois romances são complementares, na medida em que tratam dos efeitos de duas indomáveis e volúveis forças da natureza tão conhecidas dos patrícios cabo-verdianos e dos retirantes nordestinos brasileiros: a **chuva** e a **lestada**, ou o **hermitão**. É interessante notar ainda que **Chuva Braba** termina num cântico à fecundidade da terra sagrada e **Flagelados do Vento Leste**, em cânticos macabros e fúnebres a uma terra amaldiçoada.

7.2. POESIA DE HOMENAGEM

Manuel Lopes, no seu livro **Poemas de quem ficou** (1949), dedica poemas em homenagem ao poeta Ribeiro Couto. Embora isso não possa ser significativo, já que os poemas nada têm a ver com o poeta ou com o Brasil, e no interior da sua poesia, nos temas, nas suas preferências temáticas, nos motivos e nos processos estilísticos, com referência especial ao tom coloquial, ao jeito desprendido, que se vê o quanto Manuel Lopes teria tido a “ressonância” de certa poesia dos nordestinos brasileiros (FERREIRA, 1989: 169-170).

8. CONCLUSÃO

Cabo Verde, arquipélago no meio do Atlântico e na intercepção de dois mundos, “*desterrado da Europa e da África, sem Continente, insular no próprio domínio da cultura*” – segundo expressão feliz do poeta Gabriel Mariano – encontra no Brasil as semelhanças geográfica e histórica, com as mesmas questões de ordem social, linguística e cultural. Ao tomar conhecimento das proezas do “irmão mais velho”, através dum grupo de intelectuais, adopta o Brasil como seu modelo e

segue-lhe o exemplo. Cabo Verde que, como entreposto de escravos entre a África e o Brasil, nos séculos XV-XIX, transmitira a componente africana à cultura brasileira, recebe essa cultura de volta, de forma elaborada, no século XX, pela literatura, a circularidade histórica.

O surgimento da **Claridade** foi uma reacção intelectual com significado do que teria sido uma intervenção política, se ela fosse permitida. Este Movimento foi facilitado por uma disseminação da escolaridade, em termos relativos a época, fazendo com que um grupo grande de cabo-verdianos tivesse acesso às letras.

O facto que terá levado os escritores cabo-verdianos a seguir o modelo brasileiro terá sido, não só a simultaneidade de uma explosão de uma literatura regionalista, como ainda a coincidência histórica, geográfica, social e cultural dessas duas realidades – o Nordeste Brasileiro e as Ilhas de Cabo Verde.

Portanto, verifica-se que houve uma convergência de factores: a influência do Modernismo e do Realismo Nordestino brasileiro, por um lado, e uma efectiva tomada de consciência das elites intelectuais pelos problemas da sua terra, por outro.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Jorge. *Jorge Barbosa*. Poesias I. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1989.
- BARBOSA, Jorge. *Caderno de um ilhéu*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1956.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. S. Paulo: Cultrix, 1992.
- CABRAL, Amílcar. Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana. *Cabo Verde*, Lisboa, ano III, nº. 28, janeiro 1952.
- FERRERIA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano Editora, 1989.
- FRANÇA, Arnaldo. *Notas sobre poesia e ficção cabo-verdiana*. Praia: Centro de Informação e Turismo, 1962.
- LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. Lisboa., 1947
- LOPES, Baltasar (Osvaldo Alcântara). *Cântico da manhã futura*. Praia: Banco de Cabo Verde, 1986.
- LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia: Imprensa Nacional, 1956.
- LOPES, Baltasar. Itinerário de Pasargada. In: *Atlântico*, IV(2), (19..).
- LOPES, Manuel. *Chuva braba*. Lisboa, 1956.
- LOPES, Manuel. Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana. In: *Colóquios cabo-verdianos*. Lisboa, 1959.
- LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. Lisboa, 1959.

ABSTRACT: The text brings brief information on the modern Brazilian literature; It makes a synthesis of the partner-cultural context of the decade of 30, when the great “viragem” appears in the letters Capeverdians, through poetic and literary depositions of the founders of the **Claridade** on the paper carried out by the modernism and by the Brazilian North-eastern realism.

Keywords: Comparative literature; Literary movements; Cape Verde-Brazil